

Redacção, Administração e Tipografia
BATALLA
 LUSO-PORTUGAL
 TELEFONE 539 TRINDADE
 Oficinas de Impressão e Estereotipia
 Rua da Atalaia, 114 e 116
 Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2470

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DOMINGO, 19 DE DEZEMBRO DE 1926

Um conflito que termina

Finalmente, após mais de seis longos meses, constata-se que o conflito que, iniciado no seio da C. G. T., tem apaixonado não só os militantes operários como a própria opinião pública. Entra-se, francamente, num período novo, numa acção mais intensa. As pequenas desinteligências que ainda existem, desaparecerão com urgência, porque os interesses da organização exigem-no e a todos cumpre dar a sua cota parte para conseguir esse objectivo.

O novo Conselho Confederal entrou já em plena actividade e o mesmo sucedeu ao Comité Confederal por ele nomeado. Os desejos dos componentes dessas células confederadas são bem claros, manifestam-se sem tibieza a C. G. T. como organismo forte, capaz de realizar a função que constitui a sua fundamental existência. Para isso é preciso muita actividade, muita propaganda e muita coerência. Assim o compõem os elementos que actualmente compõem a C. G. T. e assim o estão realizando. O parecer sobre propaganda, que dentro de poucos dias vai ser apreciado pelo Conselho Confederal; um outro parecer a publicar em breve e em que é estudada e proposta a baixa da cota confederal, de maneira a harmonizar as necessidades da C. G. T. com as dos sindicatos que a constituem; outros trabalhos de importância interna e externa para o movimento confederal e que o Comité tem entre mãos, são a prova iniludível dos desejos que o animam. Além destes trabalhos de natureza quase exclusivamente orgânica, preciso é também pôr de parte velhas desinteligências pessoais, restos desse conflito que passou. Para contribuir para esse resultado não se vacilou um momento—resolveu-se não fornecer probabilidades para a continuação de polémicas que a tal se referissem, quer elas fossem favoráveis a gregos ou a troianos.

Nos primeiros momentos esta atitude não foi bem compreendida por todos, julgaram-na violenta, porém, hoje, já quasi todos, se não todos, compreendem quanto teve e tem de salutar tal medida. Foi uma resolução nobre e imparcial, absolutamente à margem de quaisquer animosidades ou inimizades. O proletariado está cansado de lutas, quer ver a sua organização robustecida. Essas lutas por vezes desmoralizam, desanimam o proletariado, cujos quadros gradualmente se vão reduzindo. A província perde a confiança nas suas organizações, quando vê os principais elementos de gladiarem-se furiosamente, desabridamente, sem verem o pelo menos quererem ver os prejuízos que daí resultam, quando essas desinteligências conduzidas ao terreno da luta, não conseguem seguir uma directriz elevada.

Confiamos que em breve a normalidade no movimento operário poderá ser considerada absoluta. Três federações têm ainda suspenso o envio dos seus delegados às reuniões do Conselho Confederal, baseando essa atitude numa discórdia com uma resolução tomada pelo mesmo. Essa situação cessará certamente em breve, porque todos verificam quanto tem de ilógico a sua continuidade. Não podemos duvidar da vontade de trabalhar, em benefício do movimento proletário, que anima os com-

ponentes dos três organismos em referência e isso constitui para nós a maior garantia do seu rápido regresso à actividade confederal. Seria bastante condenável não querer realizar uma boa e comum acção, quando não existem divergências de tática ou orientação, única coisa que se poderia considerar bastante fundamental para permitir a manutenção de tais atitudes. Porém tal não sucede, e portanto dúvida alguma nos resta de que dentro de pouco tempo desaparecerá esse último escolho.

As lutas desta natureza têm de constituir lições de onde se tire o máximo aproveitamento, e esta que agora finda teve a vantagem de nos fornecer maravilhosas conclusões que não são para desprezar. Luta iniciada e desenvolvida nos meios operários confederados, teve sempre a alimentação a intriga e a calúnia manejada pelos falsos amigos internos e externos dos trabalhadores. Todos se devem precaver contra essa acção caluniosa, movida anonimamente, sem responsabilidade, acção tendente a estabelecer a confusão e a animosidade entre os elementos operários.

Essas baboseiras, ditas preconceitadamente pela imprensa burguesa, não podem, nem devem merecer o mínimo crédito de qualquer trabalhador que seja dotado das necessárias condições de inteligência e de consciência. De mistura com indignas insinuações, essa imprensa não tem vacilado em publicar as maiores asneiras a respeito do conflito confederal. Ainda muito recentemente um muito conservador diário da manhã dizia que umas supostas rigorosas medidas de censura, levadas à prática no nosso jornal, eram de tal natureza que, sobre os redactores, pendia a ameaça de despedimento se as infringissem. Nada mais ridículo do que isto se poderia publicar. Toda a gente sabe que o quadro redactorial do nosso jornal não tem qualquer função de orientação, é simplesmente um quadro de redactores profissionais, pertencendo a missão orientadora quasi única e exclusivamente ao delegado do Conselho Confederal, que é nomeado seu director, missão que actualmente pertence ao Comité Confederal. O jornal é a voz da C. G. T. e por consequência é a voz que cabe orientá-lo.

Mas não é só isto. Muitas mais coisas ridiculas essa imprensa tem inventado e propagado que nos dispensamos de apreciar, tal o aspecto caricato que assumem. Todos estes boatos, todas estas calúnias devem merecer dos trabalhadores o máximo desprezo. São demasiados conhecidos os seus autores para que a ninguém possam restar dúvidas de quanta torpeza encerra a sua publicação.

O proletariado de todo o país deve colocar-se muito acima das opiniões desses escarabos sem escrúpulos que estão ao serviço do capitalismo e que só têm em vista prejudicar a acção conscientemente revolucionária das organizações sindicais.

O momento é de trabalhos práticos, de realizações vastas e profundas, as quais exigem muita propaganda, muito boa vontade e muito sacrifício, tudo isto aliado a uma extraordinária serenidade e maior confiança recíproca. Essa confiança não nos falta e contamos como certo que todos a saberão ter.

Como um Argus Emídio passa de banqueiro a jornalista cheio de amor próprio

Os dirigentes do Banco de Portugal são capazes de tudo, como os leitores já tiveram ocasião de verificar. São capazes de dirigir o Banco pela senda tenebrosa das emissões secretas, de falir em negócios sucessivos, ficando sempre mais ricos após cada falência; de organizar burlas não apenas de notas, mas de companhias coloniais e do processo ao Tribunal do Comércio, e são ainda capazes de fazer jornalismo, do mais brilhante, do mais sensacional, como o do Argus no Diário de Notícias.

O Banco de Portugal é, pelas habilidades dos seus directores e governadores, o símbolo da moral burguesa, a expressão da classe capitalista. Por isso, dirigidos de preferência para ele, mais do que para qualquer outro organismo burguês, as setas vingadoras da classe explorada, do operariado, da vítima.

Das qualidades que ornaram as vastas fronteiras dos dirigentes do Banco emissor, a de jornalista é certamente das mais salientes. Basta ler aquela prosa elegante do sr. Fernando Emídio da Silva, que modestamente se encobre sob o pseudónimo de Argus, para se ficar convencido da inteligência, da argúcia, do golpe de vista de quem olha, que honram aquele Banco.

De banqueiro, Fernando Emídio passou a jornalista, e a sua escola literária foi a da decência na Sociedade Importadora e Exportadora da Guiné onde suas habilidades deram braço. De jornalista «reporter» Argus Emídio da Silva trepou ao jornalismo literário. Neste género publicou ontem a sua crónica definitiva, máxima, e se não fosse por termos os protestos injunções dos nossos leitores—pouco habituados a aquelas subtilidades literárias—transcreveríamos a referida crónica—para que se ficasse conhecendo melhor a crónica do artista.

Argus Emídio não foi muito feliz, como actor, na comédia do Tribunal da Haia. Não foi feliz. Não soube explicar a razão porque o Banco de Portugal, além das notas tipo «Vasco da Gama», fabricava em triplicado as notas de 1.000 escudos tipo «Luís de Camões». Não soube explicar, coitado, Mas soube escrever a mais formosa crónica dos últimos tempos.

Fez descrições deslumbrantes e fez ironias. A ironia é o forte do homem que, depois de fazer notas, em segredo e por modestia, no Banco de Portugal, faz agora notas... literárias, em segredo e por modestia, na capital da Holanda. Mas nós resolvemos, a-pesá da sua modestia, desenterrá-lo do anonimato e atirá-lo para a immortalidade. Sabiam quantos que Argus Fernando Emídio da Silva é o homem quem colaborou nas burlas das emissões secretas das notas do Banco de Portugal, as mais perfeitas, as mais valiosas, as mais belas. Sabiam quantos que ele é o mesmo que

da Haia fabrica aquelas notas falsas de reportagem, inventa entrevistas e faz literatura...

Nós apreciamos muito as prendas e as graças do Argus Emídio, mas o Reinaldo Ferreira é que não vai connosco até ao alto da mais alta admiração, e anteontem jogou-lhe um bote indirecto, que devia tê-lo atingido na boca do estômago. Aquele Reinaldo é o demónio, porque parece apostado em escangalhar, em reduzir a pó todo o castelo dourado que Argus está construindo pacientemente nas colunas frágeis do Diário de Notícias. Onde um diz preto, o outro diz branco; onde um diz vermelho, o outro diz azul.

Argus anunciava (porque os seus olhos da lenda vêem no futuro) que Marang seria condenado a uma severíssima pena. Argus dirigia para as suas conveniências a mirrada aguda dos seus olhos. Reinaldo Ferreira dirigia as suas crónicas para o grande público, e os seus olhos claros viam claro, porque olhavam acima de conveniências particulares. Por isso Reinaldo afirmava sempre que Marang ou seria absolvido ou condenado a uma leve pena que equivallesse a uma absolvição. E não se enganou.

E explicou, assim, na sua crónica de anteontem, as razões da absolvição: «Os juizes de Haia foram indulgentes? Talvez! Mas a verdade é que não rebeiraram a justiça holandesa provas suficientes para condenarem severamente...»

Houve, sobretudo, três detalhes que muito impressionaram o tribunal: primeiro, a ausência de Rego Chaves. Quem, como eu e como Benoliel, acampou, nos bastidores, a opinião holandesa e, sobretudo, a opinião dos jornalistas holandeses, sabe o efeito que causou a falta desta importante testemunha do processo. O segundo foi o caso das notas, marcadas a ouro, fino e grosso, e a repetição dos números das cédulas. Terceiro, uma pequena tirada do advogado de Marang, despercebida a muitos—e que muito influiu na sentença: «Porque razão os culpados do Angola e Metrópole, após a transacção com a casa Waterloo, conservaram os contratos falsificados, falsificação tão grosseira, que ninguém a nega? Esses contratos, prova fulminante da sua culpabilidade, foram religiosamente guardados—e buscados depois na Holanda, como elemento de máxima defesa. (Telegrafo de Amsterdam, de 25 de Janeiro)»

Ora, perante estes factos, que são factos, a dialctica do Argus cronista desliza-se como fumo batido pelo vento. Mas Reinaldo Ferreira é um mau colega... Além de pulverizar os argumentos dos seus camaradas... banqueiros do Banco de Portugal, põe-nos fora do Sindicato dos Profissionais de Imprensa com este período da sua reportagem:

A instrução é só para os ricos

Em sociedade capitalista não há possibilidade de existência de instrução perfeita. Porque a sociedade está subdividida em classes e castas sobrepostas, a instrução, a luz do espírito, em vez de se espalhar irremediavelmente por todos, como a luz do sol, é dada a cada classe, conforme o capricho de quem domina.

Assim, os ricos, os filhos dos ricos são, devido à sua própria condição, os que melhor podem aproveitar das fontes do saber. O filho do banqueiro pode sempre adquirir conhecimentos que são inacessíveis ao filho do pedreiro. Dizer-se que uma democracia, pelo facto de proclamar a igualdade política, dá a todos os homens a liberdade de ascender aos mais altos lugares, às mais altas situações, é uma mentira descarada. Porque, sendo por condição económica, os filhos da classe capitalista os que podem cursar nas escolas superiores e universitárias, o operário, o povo, vê-se forçado pela sua própria ignorância a viver sempre na escravidão e no obscurantismo. De nada lhe serve a garantia de uma igualdade que ele não tem meios para usar. Os filhos dos ricos, servidos por melhor instrução, são os que têm sempre nas mãos as situações de predomínio na política, nas artes, em tudo.

Um filho de um operário que consegue chegar a lente da Universidade, a advogado, engenheiro, escritor, dispende um esforço muito maior do que o filho do rico, bem alimentado, sem preocupações financeiras, rodeado de explicadores e até ajudado por empenhos e outros processos fictícios de trepar na sociedade portuguesa. E o filho do operário encontra todas estas dificuldades para ascender a uma situação mental mais elevada, porque sendo os governantes pertencentes, pelas razões apontadas, à classe burguesa predominante, pensam demasiados nos seus interesses de classe, nos quais estão naturalmente integrados, para tornarem a instrução acessível às classes trabalhadoras.

Só por uma excepção, porque as regras têm todas uma excepção, pode aparecer um ministro que pense a sério na instrução popular. Mas inútil é esperar pelo acaso que raras vezes se lembra dos escravos. O melhor é preparar uma transformação social que libertando a classe operária lhe permita traçar à vontade, fora dos interesses de castas, um plano de instrução ampla e humana.

A agitação na China

A Inglaterra prepara-se para intervir

LONDRES, 18.—O governo deliberou concentrar importantes forças navais na China.

O cruzador «Esmerald» das Índias Orientais encontra-se a caminho de Hong-Kong e o seu similar «Enterprise» parte amanhã de Singapura com o mesmo destino. O cruzador «Duban» que retirava da China, recebeu ordem para lá voltar devendo estar em Hong-Kong dentro de 3 a 4 semanas.

A esquadra do Oriente fôra já reforçada com o navio porta-aviões «Hemes» e pela terceira flotilha de destroyers, constituída por um navio chefe, e mais oito barcos. A quarta esquadra, de Malta, recebeu igualmente ordem de partir para a China, e a terceira, que se encontra em Inglaterra está aparelhando.—(L)

Prepara-se o bloqueio do Cantão

PEQUIM, 18.—Parece que o marechal Chang-Tso-Lin tem a intenção de bloquear Cantão, para o que dispõe de navios suficientes.—(L)

Sumário do Suplemento Literário de «A Batalha»

Considerações sobre o nascimento de um menino, Mário Domingues.

Os desportos do militante, Sebastião Faure.

Julietta Ferreira, Alfredo Marques.

O Natal, A. F.

Crítica à peça «Inimigos», Jesus Peixoto.

O problema da emigração, Ladislau Ba-talha.

Chico, Zecas & C.ª, O que todos devem saber, Inquérito sobre a mulher, Actualidades, etc., etc.

«Disse que o julgamento de Marang foi uma partida de xadrez. Não é para admirar que tivesse havido batota e batoteiros... Mas, graças a Deus, esses batoteiros não eram do Sindicato. Nem sequer jornalistas profissionais. E só se faz batota—quando não se tem confiança no jogo... Ou não é assim?»

Decididamente, Argus Emídio não merece que reduzam a tão pouco a sua glória de banqueiro e de jornalista—principalmente a de jornalista, ele que, segundo confessou na sua crónica aliterada de ontem, possui «amor-próprio de jornalista»...

A QUESTÃO DA UNIDADE

O sindicalismo só é revolucionário sob a ideologia anarquista

Em vista da confusão estabelecida sobre a concepção que do sindicalismo revolucionário têm os anarquistas portugueses—confusão feita sobretudo por certos elementos que tinham estranha obrigação moral de terem ideias bem esclarecidas a este respeito—vêmo-nos também forçados a vir expor as nossas opiniões sobre o assunto, está claro, em reforço das que em *A Batalha* já acertadamente foram defendidas por José Carlos de Sousa.

E para evitar as más interpretações habituais em discussões desta natureza, vamos procurar ser o mais preciso e laconico possível, de forma a que não nos possam depois atribuir ideias que não possuímos, nem que nunca tenhamos perflilhado.

Em primeiro lugar, entendemos ser necessário definir o que significa dum modo geral a palavra Sindicalismo. Como esta é aplicada, indistintamente, a todo o movimento operário associativo—quer seja cristão, fascista, reformista, moscovitário ou revolucionário—achamos que atendendo ao único fim que, de comum, tem todas estas correntes, devemos aplicar, dum modo geral, esta palavra a todo o movimento que tenha por fim redimir os trabalhadores por profissões com o fim de melhorar ou de tornar mais suave a sua situação de escravos do salariato.

Contudo, embora todos os movimentos acima referidos tenham esta característica comum, existem, no entanto, entre todos eles profundas divergências, motivadas pela acção que cada um exerce. Ora, essas divergências são—é inevitável—devidas unicamente à ideologia política, religiosa ou filosófica que neles têm influência.

Assim, os sindicalistas cristãos entendem, em harmonia com a doutrina que os inspira, que será a divulgação e aceitação dos princípios cristãos, que tornará mais humano e generoso o patronato, e que fará com que ele passe a olhar com mais carinho os seus operários, melhorando, consequentemente, a sua sorte desgraciada. Os fascistas, por seu lado, acham—ou procuram fazer crer—que os trabalhadores só poderão modificar a sua sorte, entrando em entendimentos pacíficos com o patronato, com a intervenção do governo, servindo este de árbitro entre as duas partes em litígio, sempre pronto a reprimir os abusos excessivos dum como dos outros.

Os sindicalistas reformistas tomando como tipo os maioritários da Alemanha—defendem por sua vez a ideia de que a classe trabalhadora só poderá modificar a sua sorte, depois da social-democracia obter uma maioria dentro do parlamento burguês, ou de conquistar o poder por meios legais, e coerentemente, com estas ideias, preocupam-se os seus membros sobretudo com as lutas parlamentares, confiando cegamente e esperando ingenuamente que os seus chefes os libertarão, depois de se instalarem nas cadeiras governamentais.

Os sindicatos moscovitários, tendo também a preocupação marxista da conquista do poder, como os sociais-democratas, distinguem-se, no entanto, destes por aceitarem, além da luta parlamentar, a acção violenta para o estabelecimento dum governo revolucionário. No entanto, à semelhança daqueles, afirmam que a classe operária só poderá melhorar as suas condições de vida depois do partido comunista ter constituído o chamado governo operário ou ditadura do proletariado. A sua acção por esse motivo limita-se principalmente em fazer interessar o operariado pela política parlamentar e por todos os acontecimentos que favoreçam a conquista do poder pelo partido comunista.

Quanto aos sindicatos revolucionários, —e tomam por tipo o sindicalismo francês dantes da guerra—partem do princípio que a «emancipação dos trabalhadores há de ser obra única dos próprios trabalhadores», e portanto na sua acção adoptam todos os métodos e táticas de luta preconizados contra os anarquistas, isto é, acção directa contra as forças opressoras do Estado e do patronato; luta anti-parlamentar em todas as emergências; e não colaboração com partidos políticos que pretendam conquistar o poder, quer sejam da direita ou da extrema esquerda.

Ou o sindicalismo cristão, o fascista e o de todas as modalidades identicas, acham-se já absolutamente desacreditados, e para o provar basta simplesmente citar as greves que declararam na Alemanha e Itália, onde se viram contrariados a renegar toda a sua ideologia, e a aceitar as táticas do sindicalismo revolucionário, em virtude da ofensiva feroz e impiedosa do patronato. De igual modo, o sindicalismo maioritário e os outros do mesmo género já manifestaram também a sua falência absoluta, pois que a-pesar-de as facções políticas em que eles depositam a sua confiança terem conquistado o poder na Alemanha e na Rússia afinal continuaram os trabalhadores naqueles países na mesma situação de escravos do salariato que tinham anteriormente.

Em reforço do que dizemos acerca da nulidade revolucionária dos primeiros sindicatos, recordamos-nos das frases proferidas há uns anos por alguns militantes, quando sucedia falar-se nas associações de classe que não estavam na C. G. T., e cujas direcções eram monárquicas, católicas ou acidentalmente conservadoras.

Diziam eles então: «não fazem falta cá dentro com a orientação que têm». No entanto, agora, para serem coerentes com a sua nova atitude, em face do problema da Unidade, esses militantes deveriam também procurar entender-se, e estabelecer relações com os referidos organismos.

Não está certo que o façam só com certos sindicatos que, a-pesar-de trazerem o rótulo de revolucionários, e não quizerem reconhecer esse título a mais ninguém,

adoptam, contudo, processos de luta já de há muito desacreditados por terem sido postos em prática pelos socialistas e social-democratas, e não terem trazido para os trabalhadores outros resultados, senão desânimos, desentendimento e fraqueza em face das arremetidas das autoridades e do patronato.

Atendendo, por conseguinte, ao que à experiência nos tem ensinado, chegamos a conclusão que o único sindicalismo verdadeiramente revolucionário, capaz de preparar os trabalhadores para a sua emancipação integral é aquele em que os seus membros, embora não sejam «teóricamente» anarquistas convictos, no entanto, na prática ajam «anarquisticamente», declarando-se em luta aberta contra o patronato; contra o Estado; contra o parlamentarismo; e contra todos os partidos político-governamentais.

Ora, nestas circunstâncias, como se pode estabelecer a Unidade, isto é, um entendimento permanente entre este sindicalismo anti-político e anti-colaboracionista e aqueles organismos a que acima aludimos onde existe a influência de partidos políticos que primeiro de que tudo pretendem subir ao poder, utilizando-se da classe operária como degrau? De forma alguma, entendemos nós.

Seria possível essa Unidade, unicamente, se estes últimos renunciassem definitivamente à realização do seu programa governamental, o que nenhum deles está disposto a fazer.

Se todos os sindicatos adoptassem, de facto os mesmos processos de luta na defesa dos interesses do proletariado, está claro que a tão desejada Unidade se tornaria uma realidade — e realidade formidável que em breve abalaria toda a organização burguesa capitalista; mas como se há-de entender permanentemente os que estão convencidos que a «emancipação dos trabalhadores» será obra única dos próprios trabalhadores, e que portanto repelem a conquista do poder, não só como inútil, mas como prejudicial, e aqueles outros que fazem depender a libertação dos trabalhadores da constituição prévia dum governo, e que consequentemente têm de exercer uma acção neste sentido, perfeitamente antagónica da dos primeiros? É incontestável que jamais o poderão fazer.

E' verdade que por exemplo, em ocasiões de greves, se irmanam todos os trabalhadores, sem preocupação de tendências, na acção — o que até já tem acontecido com os sindicatos cristãos — mas é porque nessas ocasiões obrigados pelas circunstâncias todos os outros abdicam da sua ideologia própria, e acceitam de facto as táticas peculiares ao sindicalismo revolucionário.

Mas, como só em presença de factos extraordinários, é que os partidos político-governamentais permitem estes desvios dentro dos seus sindicatos que dominam, é por isso que concluímos, que é absolutamente impossível a agora tão falada Unidade, embora não neguemos que a União dos trabalhadores, por cima de tendências, e contra a vontade dos chefes, se possa realizar em certos momentos anormais, como greves, intencionalmente reaccionárias, etc.

A. BOTELHO

Faltam poucos dias

para que se inicie em *A Batalha* a publicação do notável trabalho de

Pedro Kropotkine

que trata de uma questão de fundamental interesse para o proletariado. Por esta razão, torna-se recomendável aos nossos leitores o estudo que começaremos a publicar com o título

O salarido

O estrangeiro através do telégrafo

O golpe de estado na Lituania

BERLIM, 18.—As últimas notícias do governo dizem que o golpe de Estado na Lituânia, embora o governo e o presidente da Câmara dos Deputados houvessem sido presos e o antigo Chefe de Estado Semetovna esteja na posse do palácio presidencial, está longe de considerar-se vitorioso, pois o partido socialista contra o qual foi feita a revolução, resiste, havendo luta.—L

«Entente» franco-italiana

ROMA, 18.—Mussolini declarou considerar uma «entente» franco-italiana como absolutamente necessária para o equilíbrio europeu.—L

O vulcão amarelo

LONDRES, 18.—Partiram de Malta e Gibraltar reforços para as tropas britânicas que se encontram na China.—L

Os desempregados em França

PARIS, 18.—As estatísticas do ministério do Trabalho accusam 3549 desempregados em toda a França, sendo 2636 em Paris.—L

Morreu o imperador do Japão

TOKIO, 18.—Faleceu o imperador do Japão, tendo o governo publicado uma nota anunciando-a.—L

A festa da Liga Pró-Moral

E' hoje que no Ginásio do Liceu Olí Vicente a Liga Pró-Moral realiza a 10.ª festa anual de solidariedade, em que serão apresentadas 100 crianças, vestidas e calçadas às expensas da mesma Liga.

O programa das festas é encantador devendo atrair muita gente.

A FÚRIA DOS ELEMENTOS

Um forte tremor de terra sacudiu ontem, violentamente, a cidade

A cidade, ao princípio da tarde de ontem, foi violentamente sacudida por um tremor de terra. Assevera-se que foi dos mais expressivos do que se têm verificado nos últimos 25 anos.

Felizmente não houve mortes. Registraram-se alguns estragos importantes e houve, como é natural nestes casos, grande pânico. Nalguns bairros, e ruas da parte alta da cidade o susto foi maior. Todos os edifícios estremeceram violentamente. A população aterrorizada com o ruído subterrâneo que o abalo provocou saiu para a rua, comentando a seu modo, e segundo a sua crençcica, o fenómeno.

Por momentos presumiu-se que o tremor de terra tivesse repetição, pelo que, durante alguns minutos, de parte da população notou-se uma estranha sensação de medo.

Há quem assegure — e neste caso são os entendidos — que estes fenómenos não se repetem, pelo que não há que recear um novo tremor de terra.

No Observatório de São Luís, da Escola Politécnica, o aparelho sísmógrafo registador apenas fixou a hora do início — 14 horas, 39 minutos e 20 segundos—tendo-se inutilizado imediatamente, visto que as agulhas saltaram fora dos eixos, e tornaram impossível o seu funcionamento e utilidade. No Observatório da Ajuda, onde não há aparelhos de sísmografia registadores, também o tremor de terra foi constatado.

O seu director, coronel ar. Frederico Oom, informou que, segundo sua impressão directa, o fenómeno foi em sentido vertical, não tendo acusado oscilações laterais, tendo durado cerca de 10 segundos, com duas ou três intermitências de abatimento e recrudescimento.

Quanto à sua intensidade ele foi entre 5 e 6 graus da escala Mercalli, isto é: intensidade média, visto que o grau 12 pode corresponder a terremotos em forma, isto é, verdadeiras catástrofes.

Como se sabe, não há aparelhos que possam prever o fenómeno. O seu início, mesmo, passa despercebido, e só as agulhas registadoras o fixam. Assim, é e será sempre impossível fugir aos acontecimentos desta natureza.

O fenómeno teve repercussão noutras terras do país. No entanto até à data faltam informes.

Na Baixa, nos cafés e nos centros de cavaco, há hora do fenómeno, caíam-se, discutia-se política, blagueava-se, fazia-se ironia num grande despreendimento. De súbito, um forte estremecimento e toda aquela gente saiu apavorada do interior dos edifícios num tropel diabólico. Houve cheques de alguma senhora, mas tudo sossegou, quando aquela gente se convenceu de que o perigo já longe.

Agora vamos aos estragos materiais.

Na fábrica de Tecidos de Caparica desabou uma chaminé, felizmente sem consequências de maior.

O telhado do prédio 27 da rua do Embaixador ruíu. Não houve desastres pessoais.

Parte das trazeiras de um prédio da antiga rua do Belver abateu, não se registando, contudo, desastres.

A cruz de ferro da igreja de Alcântara, por obra e graça do Espírito Santo, despenhou-se do seu lugar e veio fazer-se em estilhas na rua.

Para que não faltasse a nota cómica-trágica, o tremor de terra obrigou os ministros de Deus que se acoitavam sob os tetos divinos do Patriarcado a fugirem para a rua, mesmo com as vestes talares envergadas.

Nem Deus lhes poupou o grande susto. Ele é tão ingrato!...

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, deu entrada Leonitina da Conceição, de 38 anos, operária da fábrica de Tecidos em Xabregas, residente no Beco da Ambrósia, corredor 8, que na ocasião do abalo de terra, de ontem, se encontrava no Hospital da Estréla, onde anda em tratamento na Consulta de Oftalmologia e que tendo fugido assustada, caiu por uma escada, fracturando a perna esquerda.

No Banco do Hospital de São José, foi pensada e recolhida a casa Aurora da Silva, de 21 anos, natural de Braga, servicial, residente no Poco do Borratão, 28, que, quando da ocasião do abalo de terra, caiu de um cavalete sobre o qual se encontrava, ficando ferida na cabeça.

O golpe de Estado conservador na Lituania

COWNO, 18.—O golpe de Estado dos nacionalistas teve por objectivo evitar um novo movimento dos comunistas, que contavam com o auxílio indirecto dos soviéticos. Se esse movimento vingasse, um tratado de aliança com a Rússia colocaria a Lituania como posto avançado contra a Polónia e a Prússia oriental.—(L)

Um chefe de policia modelo

Procurou-nos Miguel Farias, estivoar, com a sua companhia Ilda dos Santos, que nos contou que ontem, estando um tanto embriagado afirmou não querer saber desta para nada. Foi, por questionar com ela conduzido à esquadra da Boa Vista, onde com a teimosia dos embriagados voltou a repetir a afirmação que, aliás, vai contra a sua maneira de sentir.

O chefe da esquadra apanhando-o no calabouço, fez a lida dos Santos propostas desonestas, querendo abusar dela, e aconselhando-a a deixar o marido. Isto notaram ambos possuídos de natural indignação.

Teatro Apolo

Telef. 3040 N.
Companhia Almeida Cruz
HOJE e todas as noites
2 sessões 2 às 8,30 e 10,30
com a espiroscópica opereta

MOURARIA

em 3 actos, original de Lino Ferreira,
S. Tavares e L. Lauer, musicada
pelo maestro Filipe Duarte.

Protagonista:
Adelina Fernandes

PREÇOS POPULARÍSSIMOS
Camarotes, 35\$00; 20\$00; 10\$00. Fa-
uteuils, 9\$00. Cadeiras, 6\$00.
Gral, 2\$00

A MORAL CAPITALISTA**A Companhia Fabril de Salgueiros**

obriga os operários a pagarem o "sentimen-
to" pela morte de um seu director

PORTO, 18.—Existe cá nesta sagrada
invicta uma excelente Companhia Fabril de
Salgueiros, célebre pela sua importância
laborativa, pelos bons lucros que tem dado
aos seus accionistas e pessoal superior e
pelos seus mistérios degradatórios de que
são vítimas os operários em todas as fábricas
deste jaez.

Nos princípios do mês pretérito, alguém
assassinou traiçoeiramente um afunador
daquella citada Companhia Fabril. Os seus
companheiros de trabalho, num simpático
gesto de sentimento, quiseram prestar a
sua derradeira homenagem ao seu desolado
camarada, encorporando-se no prestígio fú-
nebre. Junto dos respectivos directores da
tal Companhia, instaram para que lhes con-
cedessem a devida licença. Ah! isso não
podia ser! O afunador não era assim sardi-
nha graúda que merecesse as honras este-
listicas de um acompanhamento em forma.
Podia até constituir um péssimo prece-
dente aberto que habilitasse o pessoal in-
ferior a exigir amanhã idéntico procedi-
mento para uma simples operária ou um
singelo trabalhador. E a fábrica não pode
fechar por umas horas, la por que morreu
uma «rata pelada» do pessoal barato, que
dizer: exploradíssimo, e a restante gente
da camaradagem miúda, num impulso de
pieguismo sentimental, lhe queira tributar
a sua dor dizendo o último adeus á desgra-
çada—ou ao desgraçado...

Portanto, fincados nesta rígida filosofia
de preto, os directores só por muito favor
permitiram que ao enterro do afunador,
assassinado não se sabe bem por quê, fós-
sem sem se criaturas...

No dia 30, porém, deu-se a fatalidade de
morrer um chefe da secção de serrallaria
da mesma Companhia. Aqui já o caso mu-
dava de figura: tratava-se de um chefe de
consideração para o qual os subordinados
tinham o dever de prestar, obrigatória-
mente, a derradeira vassalagem, porque
sem isso podia perigar a disciplina case-
reira da Companhia Fabril de Salgueiros...
A direcção, obedecendo a esta dualidade
de critério, impedia pelas necessidades
absurdas do imperialismo patronal, resol-
veu encerrar a fábrica pelas 3 horas da
tarde do dia 1.º de Dezembro, em sinal de
sentimento pela morte do tal «querido»
chefe e para que, muita gente, toda a gente
da fábrica tivesse pena dele e fosse ao seu
funeral, tornando-o mais lúcido possível...

Os afunadores, para mostrar também
que estavam sentidos, pela partida directorial
a quando da morte do seu colega aludido,
ainda chegaram a pensar a não abandonar
os seus lugares naquela tarde. Como, por-
rém, a combinação não foi feita como devia
ser, ficou tudo no chécho...

Agora uma pergunta inocente: 2 os leito-
res imaginam que a «ilustre» direcção da
Companhia Fabril Salgueiros, ao empurrar,
todo o pessoal pela porta fora, estava na
disposição de lhe pagar o resto da tarde
perdida, sotragando assim sinceramente a
alma do «choradíssimo» chefe da secção de
serrallaria? Isso também o pessoal queria,
mas o que ela resolveu foi, nos dias seguin-
tes da semana, obrigá-lo a dar a mais meia
hora, para as im descontar o tempo que não
trabalhou por imposição dos senhores di-
rectores...

Que tal? A primeira vista, parece um
caso sem importância; e, no entanto, ele
reflete muita tirania e muita miséria moral,
para não falarmos no material.
Ora a respeito de um dos directores con-
ta-se que ele é um pimpão para abusar das
suas escravas. Lá para os lados da travessa
de Salgueiros, ou outras proximidades da
fábrica, parece possuir uma casa para onde
atrai as desgraçadas. O vulgo diz mesmo
que ele tem três camaras: uma para as limpi-
nhas, outra para as de meio termo e outra
para as que, desgraçadas, quasi nem
camisa têm. Se considerarmos nas pouca-
vergonhas que se têm cometido, multissi-
mas vezes, por essas roças-fábricas es-
plandadas por esse país fora, não somos for-
çados a acreditar no que se narra a respeito
do tal director—e, portanto, na versão que
ainda hoje se sustenta de ele ainda não há
um ano ter desfilado uma rapariguita de
15 anos, órfã de pai e mãe, de quem fez
sua amante...

Quem ignora dos abusos praticados nas
fábricas que vão conduzir á prostituição?
Oh! há mil processos de se prostituir a
operária, valendo-se da sua miséria e da
sua inexperiencia!...—C.

Novidades literárias**CAVALGADA DO SONHO****TERRAS DE FOGO**

—DE—
Juliano Quintinha

2.ª Edição—Escudos 8\$00

4.ª venda em todas as livrarias. Pedidos
à secção de Livraria de A Batalha

O NATAL

Junta da Freguesia do Socorro

A Junta da Freguesia do Socorro distri-
bui no dia de Natal um bco de 20\$00 a
200 pobres da freguesia e protegidos pelos
jornais da capital. Nesse sentido enviou-nos
duas senhas para esse bco, que em nome
cs contemplados agradecemos.

TIVOLI

Telef. 5474

MATINÉE AS 3 HORAS

SOIRÉE ÀS 9 HORAS

ÚLTIMA EXIBIÇÃO**A Favorita do Maharadjah**

Super-film da «Nordisk» com
GUNNAR TOLNAES e KARINA BELL

A acção decorre em Monte Carlo e nas In-
das. Enredo impressionante. Técnica
e fotografia irrepreensíveis.

O CICLONE NEGRO

Magnífica comédia-drama do «Par-west»,
representada pelas óptimas actrizes

ATILA—POMBA—MALHADO

A MANHÃ

O NEGRO-BRANCO
com Nicolas Rimsky

REVISTA MUNDIAL

O ESCANDALO DO «SÉCULO»**Uma carta do sr. Mário Rosário
refutando as afirmações do sr.
Pereira da Rosa**

Na sessão da assembleia geral da Associa-
ção Commercial, realizada em 13 do cor-
rente, o sr. Pereira da Rosa, referindo-se á
situação em que encontrou a administração
do *Século* quando della tomou conta, afir-
mou que encontrou, entre outros, um vale
de 20 contos do secretário da direcção
daquelle jornal que no dia seguinte ao da
posse abandonou o *Século* e passou-se
com armas e bagagens para o *Diário de
Notícias*.

O sr. Mário do Rosário, visado por esta
acusação, escreveu-nos ontem uma carta,
acompanhada do pedido de publicação,
em que refuta as acusações do director do
Século.

Como fizemos referência á allusão do
sr. Pereira da Rosa não queremos deixar
sem defesa o sr. Rosário, razão por que
transcrevemos da alludida carta aquilo que
constitui a defesa do atingido. Reza assim
o periodo da missiva do sr. Mário do Rosá-
rio:

«Todas as importâncias que levantei do
Século foram devidamente autorizadas por
escrito pelos successivos administradores—
delegados daquela. Empresa e tendo como
natural contra-partida a percentagem que a
Administração entendeu estabelecer-me-
sobre os lucros dessa Sociedade. Como não
houve lucros que viessem liquidar aquella
conta eu fiquei devedor á Empresa do
Século do montante da sua importância e
tomei com a mesma o compromisso de li-
quidar esse debito em pagamentos mensais,
o que estou fazendo.

O último que effectuei foi em 30 de No-
vembro p. p., como provo, com o recibo
n.º 13289 (guia n.º 27615).

Quanto ao meu ingresso no *Diário de
Notícias* devo dizer que ele não se deu
imediatamente á minha saída do *Século*
(Novembro de 1924) mas sim em Janeiro
de 1925.

Relativamente á disculda operação da
hipoteca do *Século* por 1300 contos e á
quitação dessa importância, como o meu
nome tem andado envolvido, como não ten-
ho voz na Associação Commercial, reservei
aos tribunais, se lá for chamado novame-
nte a depor, tudo que sei sobre os
assuntos em debate.

Teatro da Trindade

TELEF. T. 976

HOJE — às 9 da noite em ponto

A comédia em 4 actos

O Marquês de Willemmer

EM FIM DE FESTA

a célebre tonadillera-bailarina

IMPERIO ARGENTINA

A maior intérprete da canção
argentina dirá varias canções
e bailará formosíssimos tangos

Nos intervalos: Concerto pela pianista

Yvonne Gellibert-Lambert

EM COIMBRA

Falta de professores no Liceu**«Dr. José Falcão»**

COIMBRA, 18.—Solicitem a nossa aten-
ção para o que se passa dentro do Liceu
dr. José Falcão desta cidade. Com a recente
extinção das Escolas Primárias Superiores
e de alguns liceus, a afilência de alunos a
este liceu tornou-se enorme, lutando-se
aqui, agora, com falta de professores.

Dizem-nos que o Conselho Escolar do
referido liceu já reclamou por varias ve-
zes providencias do governo, sem que até
hoje o Conselho Superior de Instrução Pú-
blica tenha encontrado solução para tal.

Há turnas completas de alunos que até
a data não assistiram a uma única aula,
por motivo da crise de professores com
que luta aquele estabelecimento de ensino.
E esta situação manter-se-há, com man-
ifesto prejuizo dos alunos, enquanto o Con-
selho Superior de Instrução Pública se não
decidir a fazer as indispensáveis nomea-
ções.—C.

Agremiações varias

Junta Geral do Distrito de Lisboa.—
Como de costume reuniu este corpo admi-
nistrativo tendo, depois de resolver varios
assuntos de expediente, aprovado o lan-
çamento na acta da sessão de um voto de
sentimento pelo falecimento de uma irmã
do vogal da Comissão sr. Lopo Nogueira
e dois votos de luto, um ao sr. governa-
dor civil de Lisboa e outro ao delegado do
governo em Arruda dos Vinhos. O pri-
meiro voto, regista a boa vontade do chefe
do distrito acompanhando uma comissão
daquelle conselho junto do titular da pasta
do Comércio a fim de obter a verba neces-
sária para a reparação da estrada de Al-
verca a Arruda. O segundo voto de luto e
aplauso, foi originado pela forma exem-
plar como o administrador do concelho de
Arruda dos Vinhos tem ali organizado os
respectivos serviços de assistência.

TEATRO NACIONAL

Telefone N. 3049

Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha

A's 21 horas á representação

do sensacional drama

em 4 actos

O PARALITICO

peça que todos devem ir ver para

apreciar o notável trabalho

do illustre actor Alves da Cunha

QUINTA-FEIRA

FREI LUIS DE SOUSA

Notas varias da Lisboa triste

Queda de uma escada

Na Sala de Observações do Banco do

Hospital de S. José deu entrada Alexandre
Seix Pereira, de 20 anos, pintor, natural de
Seixas do Minho, (Caminha) residente na
Avenida Marquês de Tamar 56-5, que
caiu de uma escada no mercado 1.º de De-
zembro, na rua Alexandre Herculanio, frac-
turando o cráneo pela base.

Até apagar-se de um eléctrico

No mesmo Banco foi pensado e seguiu
para casa, António Augusto Pereira, de
32 anos, natural de Lisboa, empregado no
comércio, calçada da Estrela 99, 1.º dt.º,
que caiu ao apagar-se de um carro eléctrico
no Rossio, ficando ferido nas pernas.

Colhido por um moirão

A Sala de Observações do Hospital de
S. José, recolheu Manuel Candias, de 23
anos, natural de Poiares, operário da fá-
brica de cerveja «Estrela», no Campo Pe-
queno, e residente na Quinta do Pote, na
estrada de Sacavem, que, na mesma fábrica,
quando calcava uma porção de gelo para o
interior de um moirão de o esmagar, foi
colhido por este, ficando muito ferido no
braço direito.

No Jardim do Tabaco

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro
do Paço foi pensado, recolhendo depois á
enfermaria de Santo António, do Hospital
de S. José, Urbano Grandelaria, de 44 anos,
descarregador, natural de Orense, Beco do
Mexia, 19-1, que caiu de uma prancha do
Jardim do Tabaco, ficando muito contuso
pelo corpo e ferido na cabeça.

Outros incidentes

No Banco do Hospital de S. José, foram
pensados e recolhidos a casa: João Nino,
de 57 anos, natural de Borja, empregado no
comércio, morador na rua da Bempos-
tinha 102, 2.º que foi atropelado por um
automóvel na rua 20 de Abril, ficando con-
tuso nas costas e Frederico Eugénio da
Encarnação, de 33 anos, natural de Lisboa,
carroceiro, rua Espírito Santo, ao Castelo,
11, que foi atropelado por um automóvel,
próximo da residência, ficando ferido no
pé esquerdo.

CONFERÊNCIAS**Uma viagem através da Tchecos-
lováquia**

A convite do ministro da Instrução
Pública o sr. dr. Gilles Porizek, cónsul da
Tchecoslováquia em Lisboa, vai realizar no
Ateneu Commercial do Porto, nos primeiros
dias do próximo mês de Janeiro, uma con-
ferência sobre o seu país, acompanhada de
projeções.

A conferência, intitulada «Uma viagem
através da Tchecoslováquia», é a mesma que
foi realizada em Lisboa e Coimbra comple-
tando-a, porém, o sr. dr. Gilles Porizek,
com dados novos sobre questões económi-
cas, e comerciais que especialmente podem
interessar a capital do Norte.

Na Universidade Livre de Coimbra

COIMBRA, 17.—Nas últimas semanas,
effectuaram-se na sede deste instituto de
instrução popular três interessantíssimas
conferências: 1.ª O meio oceânico, Os se-
res oceânicos, subordinada ao título geral
de A vida nos oceanos, pelo dr. Correia
Monteiro, 1.º assistente da Universidade; e
A música em Portugal, pelo dr. Câmara
Leite, músico distinto e professor no liceu
José Falcão.

O dr. sr. Afonso Duarte, professor do
ensino normal, proferiu também na última
semana uma notável conferencia sob o tí-
tulo Gomes Leal e o fim de um Mundo,
a que nos referimos mais largamente no
próximo numero.

O dr. sr. Antero de Seabra, professor de
matemática no liceu José Falcão desta ci-
dade, realiza na sede da Universidade Livre
uma série de três conferencias sobre assun-
tos astronómicos, que terão por títulos:

1.ª Evolução Histórica dos sistemas as-
tronómicos e dos instrumentos de observa-
ção e conservação da hora.

2.ª O Sistema Planetário.

3.ª O Sistema Sideral.

A primeira das referidas lições realiza-se
amanhã, 18, na Torre de Alameda, pelas
21 horas.

Estas lições serão acompanhadas de pro-
jecções luminosas.—C.

A crise ministerial**na Alemanha**

BERLIM, 18.—A situação politica conti-
nua extremamente confusa.

Os jornais da manhã prevêem varias solu-
ções, nenhuma das quais, porém, parece
viável.

No entanto, quasi todos são concordes,
em que o sr. Stresemann deve continuar a
dirigir os negócios externos.

O presidente Hindenburg consultou
hoje os chefes dos partidos.

A «Gazeta de Frankfurt» escreve:

«Vista objectivamente a situação, o gol-
de vibrado pelo partido social-democrata
da livre passagem á direita, porisso que o
centro ficou ligado áquella e um governo
da esquerda é impossível.»—(L.)

TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA PORTUGUESA

O PINTO CALÇUDO

TEATROS

Gimnásio

«O caso do dia», peça de Ramada

Curto

Ramada Curto teve o bom senso de
vir o público, antes da representação da
sua peça «O caso do dia», declarar que só
pretendia agradar, não buscando fazer uma
obra de tese. Está certo. «O caso do dia» é
uma peça bem observada, com um ambiente
cuidadosamente visto, mas não toma foros
de trabalho de psicologia. Ramada Curto
escreveu esta peça com um manifesto bom
humor, aquele bom humor que todos lhe
conhecemos, até eu que não tenho com ele
relações pessoais e só aquilato das suas
qualidades pelo indiscutível interesse da
sua gestação dramática. Ramada Curto tem
nas suas obras a vivacidade que o caracte-
riza como homem, a pontinha de sarcasmo
que domina sempre a sua actividade social
e mental. O escritor obscurece por com-
pleto, e felizmente, a actividade do minis-
tro, o dramaturgo tirou o lugar ao político
e bom é também que assim seja.

O teatro português regista, desde este
momento, mais uma produção de Ramada
Curto, que, sendo literariamente bem tra-
çada e tecnicamente bem urdida, não marca,
porém, pela sua acção definitivamente ob-
jectiva, accentuadamente moralizadora.

Não quis o autor que «O caso do dia»
fosse uma obra de tese. No teatro, em ge-
ral, não cabem obras de tese. E, sim, em
geral, a franqueza que pode redundar em
defesa prévia. É certo que obras de tese no
teatro não agradam em geral, mas dá a fe-
char a scena a trabalhos desta natureza, dá
uma grande distância e dêsse intuitos não
podemos deixar de discordar.

A defesa ou a simples exposição duma
tese, o que não pode, nem deve, é ser feita
no palco, como no livro. É intuitivo. Os
processos são diferentes.

Mas circunscrevemos a obra de teatro a
um campo de simples deleite se não é fal-
sacar a sua missão é pelo mesmo coarctar-lhe
o mais alto, o mais eficaz dos seus fins
educativos e morais, cuja sugestão na riba-
lê é tão intensa, tão comunicativa, tão
assimilável pela espontaneidade.

Portanto a obra de Ramada Curto, «O
caso do dia», que não tem a pretensão de
atingir esses fins, satisfaz como instrumento
de prazer espiritual e nesse particular é
incontestavelmente uma peça curiosa ma-
nejada por mãos com boa experiencia de
scena e por uma intelligencia lúcida e dum
belo poder de perscrutação.

A elevação de interesse da obra esteve bem
flagrante no óptimo trabalho da Amélia Rey
Colação, que a viveu com uma consciência,
com uma honestidade de processos verda-
deiramente notáveis. Robles Monteiro muito
bem, igualmente.

Outros artistas com a costumada cor-
recção. O cuidado dos interiores, com o
sêlo inconfundível do gosto de Amélia Rey
Colação.

Nogueira de BRITO

Hoje: «reprise» de «O Paralitico»

Volta hoje á scena o emocionante drama
«O Paralitico» no Teatro Nacional. A com-
panhia Berta Bivar-Alves da Cunha re-
tornou do cartaz a formidável peça «O Ho-
mem e os seus fantasmas» para dar lugar ás
reclitas do Natal. O grande publico que ac-
colhe sempre Alves da Cunha e a sua com-
panhia com grande simpatia e carinho, lerá
dentro da época do Natal, não só a peça
«O Paralitico» como a linda obra do tea-
tro português—«Frei Luis de Sousa»—que
se estreia na próxima quinta-feira.

«O Paralitico», esta noite, vai registrar
uma enchente e a «reprise» de «O Frei
Luis de Sousa», que se realiza quinta-feira,
vai constituir um acontecimento teatral.

«O Marquês de Villemore» e Império

Hoje, no Trindade, agora em pleno triunfo
com as exhibições formidáveis de beleza da
grande artista «tonadillera» e «tanguista»
Império Argentina, realiza-se a penultima
representação da lindissima peça «O Mar-
quês de Villemore» em virtude do illustre
empresário Erico Braga ter de nos oferecer
dentro em breve, uma nova grande modali-
dade no programa da sua exploração, sendo
porém, de notar que o «Fin de Fiesta» desta
noite, pela encantadora e célebre Império
Argentina, vai causar a maior sensação no
público.

A «Mouraria» ainda na vanguarda

Continua ainda na vanguarda, esta época
a famosa e célebre opereta «Mouraria»
que tendo enchido todas as noites, as duas ses-
sões do Apolo, foi, segundo uma estatística
fácil de fazer, vista já, até hoje, por mais de
40 mil pessoas, que tantas são as que se
não fariam de enaltecer a idea do empre-
sário Almeida Cruz, pondo-a em scena, os
seus autores, o maestro Filipe Duarte e to-
dos os seus intérpretes, em especial a pro-
tagonista dessa encantadora peça lisboeta,
tão lisboeta como ella, Adelina Fernandes,
que é hoje a mais tenra e apaixonada cân-
tora dos nossos fados e canções.

O novo «vaudeville» «O Pé de Salsa»

Obteve um ruidoso successo, ontem, no
Avenida, para a magnifica companhia Sata-
nalia-Amante e para os seus autores, Felix
Bermudes, João Bastos e André Brun, a
primeira representação do seu novo «va-
udeville» desta época. «O Pé de Salsa», fi-
cará no repertório deste agrupamento ar-
tístico. Tem o publico mais uma peça cheia
de graça para se divertir, não lhe faltando
vários numeros de musica de belo efeito e
de fácil audição, que o publico saberá di-
vilgar e tornar populares. Hoje, repete-se
«O Pé de Salsa».

O célebre «Pinto Calçudo»

As pessoas alegres, ou ainda as que ne-
cessitam distrair o espirito, ou curar a
neurostenia, só têm agora um teatro e uma
peça que realize este desideratum: o Va-
riedades, no Parque Mayer, onde a Com-
panhia Maria Matos-Mendonça de Carval-
ho continua representando a hilariante
farça portuguesa de Ernesto Rodrigues e
André Brun.

«O Pinto Calçudo» representa-se em ses-
sões, num elegante e confortável teatro e
são seus principais interpretes nos dois
grandes papeis cómicos da mesma a illustre
actriz Maria Matos e o popular actor Sil-
vestre Alegria.

Em recita extraordinária e de assinatura
par, realiza-se hoje, no teatro de S. Carlos,
a primeira representação da ópera de Verdi,
«Trovador», com um conjunto artistico
composto pelo soprano dramático Jannina
Avangi Lombardi, Antonieta Toim, Ettore
Bergamaschi, Carlo Tagliabene e Pietro
Friggi estando a direcção musical a cargo
do maestro Fernandes Fão.

Amanhã, em recita de assinatura impar,
cantar-se-há, pela primeira vez nesta tem-

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 horas — Soirée às 8,45

SOEURS WALT

Admiráveis e formosissimas dançarinas
francesas que estão obtendo um êxito
nunca «excedido» por outras actrizes do
genero.—Apresentação original,
Luxuosissima apresentação.

THOMAZ VIEIRA

Popular e aplaudido actor cómico

EUGENIA FERNANDEZ

Graciosa bailarina. Exito no «charleston»

CONCERTO pela FOZ MELODY BAND

No «écran» — «Divorcio-mos» (7 partes)

N.º 878



ACTIVIDADE SINDICAL

O movimento internacional do operariado da construção civil

Relatório do delegado da Federação Portuguesa que foi a Lyon participar de várias reuniões importantes

Boisson.—A propósito do relatório do camarada Buti, tenho muita pena que o camarada não tivesse podido passar pela Federação da C. Civil para poder conhecer a sua situação, e as dificuldades com que a mesma luta neste momento sob o ponto de vista de propaganda.

Nós agradecemos aos camaradas a solidariedade que nos trouxeram, e que permitiu que nos reuníssemos em congresso extraordinário. Teríamos sido muito felizes se os camaradas tivessem podido visitar as nossas instalações em Paris.

O Presidente.—Talvez pudessemos encontrar a discussão acentuando o relatório do camarada Buti.

Lansink.—Diz que logo que ele recebeu o apelo em favor da solidariedade para a Construção Civil Francesa, enviou imediatamente uma circular a todas as organizações as quais responderam de seguida.

A conferência aceita o relatório do camarada Buti.

A palavra é concedida em seguida ao camarada Lansink que propõe para não se perder muito tempo com largos relatórios sobre a situação de cada país, que cada Federação prepare um relatório detalhado, e o envie à Internacional que o fará seguir para as outras Federações, e que hoje só se faça saber os números em destaque de cada organização. E' aceite a proposta.

Boisson.—Dá algumas explicações sobre a Federação da C. Civil de França. Indica que nesta data, a Federação tem 12.000 cartões colocados, o que faz pouco mais ou menos 4.000 cotizações por mês.

O preço de cada cartão é de 1 franco, a cotização mensal é de 1 franco e 75 centimos. Eis um resumo dos efectivos da Federação da C. Civil.

Agora, no que diz respeito à forma dos nossos congressos, nós desejariamos bem saber qual é a opinião dos nossos camaradas; apesar do carácter das nossas discussões, no que diz respeito à solidariedade e à acção, a totalidade de camaradas da Construção Civil está de acordo conosco, e a prova é que as propostas do Comité Nacional do mês de julho foram aceites pela maioria dos Sindicatos da Construção Civil.

Diz que os camaradas não devem ignorar que na Federação da C. Civil há uma minoria com a tendência de nos empurrar mais para a Anarquismo do que para o Socialismo. Os camaradas estão de acordo com o ponto de vista dos camaradas da C. Civil e da A. I. T. Isto vai dar uma certa actividade. Os camaradas das minas de ardósia de Frelaki já nos prometeram o seu curso para se porem em contacto com os camaradas *convencidos* pedreiros que cobrem os telhados de Angers para os fazerem voltar à Federação da C. Civil. Temos esperança de que 1927 nos trará mais militantes entre os trabalhadores da construção civil.

O único receio que possuímos é que, no último Comité Nacional aumentemos a cotização de 75 centimos duma só vez, e

tenhamos certamente ser obrigados agora a aumentá-la ainda de 50 centimos. Se pedissemos um franco, quase todas as organizações retomariam decerto a sua autonomia administrativa.

Boisson.—Faz saber também aos camaradas que nós temos o órgão *Le Travailleur du Bâtiment* e o *Proletariado*, jornal do Sindicato Único da C. Civil do Sena, e o Sindicato dos Calceiros do Sena que vai aderir à Federação, possui o *Calceiro*.

Jouve.—Completa as explicações de Boisson, indicando que nós fazemos o necessário para aumentar a propaganda, e que propõe edição dum selo especial obrigatório para todos os federados, cujo preço será fixado em 50 centimos para nos aliviar das despesas do jornal, isto além de selo para fins de propaganda; a pesar de termos proposto isto, o Congresso apenas aceitou a emissão do selo a título facultativo e não obrigatório.

Pede para que o cartaz da A. I. T. seja editado em formato de selos pela própria A. I. T. para cada país e para a sua própria propaganda.

Schapiro.—Diz que a cotização da A. I. T. é paga com um selo que possui justamente esse desenho.

Jouve.—Diz que o selo podia trazer receitas à A. I. T., à Federação Nacional da C. Civil e à Federação Internacional da C. Civil.

Severin (Suécia).—Diz que a Federação da C. Civil da Suécia é composta não só de operários da construção civil propriamente ditos, mas também de todos os que se ocupam da exploração das matérias primas necessárias à construção civil. Actualmente conta com 15.000 membros. Isto não quer dizer que todos pagam a cotização, há uma grande falta de trabalho, e os que não trabalham não pagam cotização.

O camarada Severin diz que há poucos operários especializados, tais como carpinteiros, pintores, etc.; na maior parte são operários não especializados, mas são os melhores apoios da Federação da C. Civil; estão impregnados de propaganda sindicalista revolucionária feita intensivamente no seu seio, são belíssimos membros, não recuando arcar com todas as responsabilidades.

Na Suécia—diz o camarada Severin—apenas há uma cotização, a da Central, e é ela que reparte entre os seus organismos. Paga-se à Central aproximadamente 3 francos e 75 centimos por semana, sem contar com a caixa da greve. Para esta paga-se aproximadamente 8 francos por membro e por semana. As organizações locais devem fazer uma certa quantia para a sua administração. Não são as federações que têm de se ocupar do apoio material em caso de greve, é a própria Central.

Quanto à propaganda e à agitação, estas são feitas na Suécia pelas uniões regionais e não pelas federações. Eis a situação da Construção Civil sueca.

(Continua.)

INSTRUÇÃO POPULAR

O primeiro aniversário de uma escola da Juventude Sindicalista

PORTO, 17.—Efectuou-se uma brilhante sessão comemorativa do 1.º aniversário da Escola da Secção Juvenil dos Operários Manipuladores de Pão, do Porto.

A esta festa, que decorreu bastante animada, presidiu Adolfo de Freitas, secretário por Manuel Soares de Matos, do Centro Comunista Libertário, e Dionísio Gomes, da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Boavista.

Estavam representados os seguintes organismos: Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais, Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais da Boavista, «Os Filhos do Visco», Nova Aurora, Ferroviária do Minho e Douro, da Giesta e Racional de Gaia, Federação das Juventudes Sindicalistas, Juventudes Sindicalistas do Porto e Gaia, Grupo dos Manipuladores de Pão «Educação Social», Sindicatos Unidos da Construção Civil, do Mobiliário e Metalúrgico, Associações de Classe dos Operários Manipuladores de Pão e Confeiteiros e Artes Correlativas, União dos Empregados no Comércio e Centro Comunista Libertário.

Adolfo de Freitas, em nome da Federação das Escolas e Bibliotecas, salientou a necessidade destas festas em prol da instrução, para que os trabalhadores sejam elevados ao nível indispensável para a sua emancipação espiritual, moral, económica e social a que tem direito. Em seu entender, deve ser chamada a atenção da C. G. T. para que ela amplie os sindicatos na constituição das suas Escolas e Bibliotecas tão úteis para o desenvolvimento da mentalidade proletária sob métodos de ensino diferentes dos usados pela pedagogia burguesa antiquada. Foi para que esses métodos de ensino sejam o mais aperfeiçoados possível que se organizou a Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais, e é para esse fim também que ela tem solicitado o valioso concurso de distintos professores como o sr. Viana de Lemos, etc. A burguesia tem de ser combatida até nos seus moldes velhíssimos de instrução avariada.

Pedro Lourenço, em nome da Escola Racional de Gaia, saudou a Escola Juvenil dos Operários Manipuladores de Pão pelo seu primeiro aniversário. A seguir fez o confronto entre as missões das Escolas operárias e das Escolas oficiais. Estas têm por fim ensinar o A. B. C. e pouco mais do que uns preconceitos inerentes ao brutalismo sustentado da sociedade capitalista. Aquelas, de horizontes mais largos, querem educar as massas livres de toda a concepção religiosa, patriótica ou outro qualquer espírito de seita pernicioso. A sua bússola é o livre exame, o raciocínio, a ciência. A escola que representa está fora da lei? Regosia-se com isso—lamentando que outras que se dizem racionais não o sejam de facto. Depois de demonstrar o sacrifício que traduz a manutenção destas escolas que deseja ver multiplicadas, termina por comunicar que também no próximo dia 28 a Escola Racional de Gaia deve festejar o seu aniversário, para o qual vai ser convidada a sr.ª D. Vitória Pais a realizar uma conferência.

António Inácio Martins, falando em nome da Federação das Juventudes e do S. U. Construção Civil, declara que se a escola que se está comemorando ainda não representa a aspiração dos seus fundadores, ela já é, contudo, alguma coisa. Tudo tem um princípio, e esta escola, tendo-o, há de atingir a sua finalidade: a irradiação da luz, a expansão de todas as trevas que obscurecem a consciência proletária—que trará como consequência fatal a libertação humana com a queda dos dogmas—da tirania, do Estado. Se a Federação das Escolas não é um facto palpável ainda, deve-se isso a todos nós. Só pelo impulso de todas as escolas, é que ela se pode desenvolver e, por via de regra, a educação, a instrução, editando-se livros e realizando-se palestras aos alunos duas vezes por semana.

Mário Ferreira fala em nome da Escola Ferroviária do Minho e Douro. Feitas as suas saudações, disserta largamente sobre a Igreja e a Taberna, dois cancores terríveis que corrompem horrorosamente a humanidade. Daquelas duas entidades flagelantes é que dimanam os principais males físicos—moraes—que enfermam a sociedade. Há, de facto, para as muitas escolas—mas escolas cuja missão não é formar consciências, mas deformá-las. Quando, amanhã, a escola for livre, a criança tornar-se-á mais desenvolvida, mais cerebralmente perfeita. Conclui por lamentar que, em pleno século XX, ainda haja tanta ignorância.

Vitorino Pereira justifica os motivos porque a Escola em festa não é ainda o que deve ser. Sendo a classe dos manipuladores constituída, na sua maioria, por analfabetos, muito é para louvar que ela tenha mantido tão útilíssima instituição. Ela ir-se-á avaluando à medida que os seus efeitos instrutivos se forem radicando nos alunos.

Dionísio Gomes, depois de apresentar as saudações da Escola e B. de E. S. da Boavista, diz que o que a Federação deve fazer é chamar os professores que lhe pareçam mais competentes. O essencial é difundir, em larga escala, a instrução, que tanta falta nos faz.

Falaram ainda: Gaspar da Cunha, Bento Mendes da Costa, Manuel José de Moura, pela secção Juvenil dos Manipuladores de Pão, e Manuel Soares de Matos, pelo Centro Comunista Libertário—todos exaltando a utilidade das escolas sindicais, juvenis e racionalistas para o desenvolvimento intelectual e moral do proletariado, devido ao que o patronato, reconhecendo o seu valor, as procura agora neutralizar.

Mas quanto maiores forem as contradições dos patrões e, até, de proprios camaradas inconscientes, maior também deve ser a acção daqueles que têm vontade de se instruir e de se libertar.

Adolfo de Freitas, fazendo votos pela próxima realização do Congresso das Escolas, onde muito haverá a tratar para a sua vitalidade e aperfeiçoamento, encerra a sessão no meio do maior entusiasmo.—C.

As eternas vítimas

BELFORD, 13.—Numa oficina de niquelagem explodiu hoje uma caldeira, matando sessenta operários e ferindo dois gravemente.

O estabelecimento ficou completamente destruído.—(L.)

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Reúne amanhã, pelas 21 horas, a Comissão Administrativa.

Comunicações

Federação Rural.—Resoluções da comissão administrativa: nomear delegados à sessão solene do 7.º aniversário do sindicato de Fronteira e a uma sessão de propaganda em Alter do Chão.

Sindicato dos Profissionais da Imprensa.—A instância da actual direcção, têm vários hoteleiros do país concedido aos jornalistas valiosas reduções nos preços das diárias de suas casas, o que representa uma notável regalia para os jornalistas que, frequentemente, têm de percorrer a provincia em serviço profissional.

Entre os officios já em poder do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, citamos os dos hotéis: Central, de Elvas; Rosa, das Caldas da Rainha; Comercial, de Agueda; Central e Liz, de Leiria; Facha e Aliança, de Viana do Castelo; Central, de Santarém; Avenida, de Coimbra; o hotel do sr. José Dias Ferreira, de Castelo Branco, etc.

—E' na próxima quinta-feira, 23, que se realiza mais uma conferência na sede deste Sindicato, na rua do Loreto, 13, 2.º sendo conferente o illustre jornalista cubano sr. dr. Edúino Mora.

Convocações

REUNEM HOJE:
Reunião de Federações.—A comissão delegada, às 15 horas.
S. U. da Construção Civil.—Secção dos serventes.—Pelas 16 horas, a comissão revisora de contas, sendo necessário a comparencia de todos os seus membros.

DIAS PRÓXIMOS
Federação da Construção Civil.—Reúne-se, depois de amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

Sindicatos da provincia

Construção Civil de Linda-a-Pastora.—Reúne-se hoje, em assembleia geral, pelas 15 horas, para a eleição dos novos corpos gerentes. Antes da ordem dos trabalhos deverão ser tratados outros assuntos de carácter associativo e a esta reunião assiste Francisco Fernandes como delegado da Associação à Federação da C. Civil.

Juventudes Sindicalistas

Federação.—Comité federal.—Reúne amanhã, pelas 20 horas prefixas.
Núcleo de Lisboa.—Reúne hoje, pelas 19 horas, o secretariado e em conjunto os camaradas jovens sindicalistas manipuladores de pão para assuntos de organização.

FESTAS ASSOCIATIVAS
No Sindicato dos Corticeiros
Realiza-se hoje, pelas 14 horas, no Sindicato dos Corticeiros de Lisboa, uma sessão solene para inauguração da nova bandeira, devendo falar delegados dos seguintes organismos: C. G. T., C. S. T., Empregados no Comércio e Indústria, Federação Corticeira, Corticeiros de Belém, Taneiros de Lisboa, Metalúrgicos do Póço do Bispo, Construção Civil do Beato e Olivais, Sociedade Musical 23 de Agosto de 1885, Grupo Estrela de Alva.

Empregados de Hoteis e Restaurantes
Promovida pelos membros da mesa da assembleia geral da Associação dos Empregados de Hoteis e Restaurantes realiza-se hoje na sua sede, Travessa dos Inglesinhos, 3, 1.º, uma grandiosa festa, na qual toma parte o aplaudido grupo dramático Armando de Vasconcelos e um grupo musical.

Sobre a scena o drama em 3 actos, «Scenas do Mundo» e haverá um acto de variedades em que tomam parte os amadores do grupo dramático Armando de Vasconcelos e a actrizinha Irene Martins, e os amadores D. Elvira Costa, Armando Ferreira, Vasco de Sousa e Adolfo Madeira.

UM NOVO DESASTRE
Andaime que se desmorona arrastando na sua queda dois operários, um dos quais morreu, recolhendo o outro ao hospital

Mais um desastre que custou a vida a um operário e atirou com outro para o hospital. Rara é a semana em que não temos de registar destes casos.

A vida dos operários está à mercê do primeiro aventureiro a quem a Câmara Municipal dá carta de mestre de obras.

Há provas abundantes de que muitos desses «galeiros» não possuem competência para as funções que lhe estão cometidas.

Mas vamos ao caso. Na rua dos Ferreiros, à Estrêla, no prédio n.º 73, que faz esquina para a rua de Santo Amaro, trabalham os operários Joaquim Gonçalves, morador no Alto dos Sete Moínhos, páteo de Gambaia; Gilberto Avila, na Calçada da Quintinha, 40, porta 17, e o menor de 14 anos Clemente de Andrade, sob a direcção do mestre Eliário.

Como a parede exterior necessitasse de ser pintada, colocou-se um andaime para o qual saltaram aqueles operários para se despenharem da sua tarefa.

Porém, a certa altura, uma das táboas rangiu, provocando grande sobressalto. Como pôde, talvez por ser mais novo, o menor Clemente saltou para uma janela, gesto que não foi secundado pelos outros dois operários que vieram precipitar-se no páteo.

Dado alarme compareceu vário material dos bombeiros e Cruz Vermelha sendo os feridos transportados ao hospital de São José. Ali o cirurgião de serviço, dr. Alberto Mac Bride verificou que os Gonçalves já chegara morto, pelo que foi removido para a Morgue, e o Gilberto apresentava fractura de ambas as pernas, recolhendo por isso, depois de pensado no Risco à Sala de Observações.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho—Amãnhã..... 16\$00
Alexandre Herculano..... 18\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes)..... 18\$00
Cartas (2 volumes)..... 18\$00
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.)..... 27\$00

Adolfo Lima..... 10\$00
Contracto do Trabalho..... 10\$00
Educação e ensino..... 5\$00
O ensino da história..... 1\$50

Aquino Ribeiro..... 3\$00
Anatole France..... 10\$00
Estrada de São Tiago..... 10\$00
Jardim das Tormentas..... 10\$00
Via Sinuosa..... 10\$00
As Filhas da Babilónia..... 10\$00
Cartas do Demo..... 10\$00

Augusto Machado—Impossível redenção (novela)..... 2\$25
Augusto de Sousa—Fólias perdidas (Fados)..... 10\$00
Bento Faria—Missas novas (teatro em verso)..... 2\$00
Binet-Sanglès—A loucura de Jesus..... 4\$00
Buckner—O homem segundo a ciência..... 12\$00
Charles Darwin—Origem das espécies..... 14\$00

Campos Lima..... 12\$00
O Estado e a evolução do Direito O Amor e a Vida..... 5\$00
Os Pobres..... 2\$00
A Revolução em Portugal..... 6\$00
Cristiano Lima—A escola de Nun'Alvares (novela)..... 2\$25
Duarte Lopes—Frel Sangue..... 5\$00

Eça de Queiroz..... 18\$00
O crime do Padre Amaro..... 15\$00
O primeiro Basílio..... 15\$00
O Mandarim..... 8\$00
Os Maias (2 vols.)..... 28\$00
A Relíquia..... 15\$00
A Cidade e as Serras..... 12\$00
Fradiote Mendes..... 9\$00
Casa Ramires..... 15\$00
Prosas Bárbaras..... 10\$00
Ecos de Paris..... 9\$00
Cartas Familiares..... 9\$00
Cartas de Inglaterra..... 9\$00
Minas de Salomão..... 9\$00
Notas Contemporâneas..... 15\$00
Últimas páginas..... 15\$00
Contos..... 15\$00

Ernesto Haackel..... 20\$00
História da Criação..... 5\$00
Origem do Homem..... 4\$00
Os enigmas do Universo..... 4\$00
Montismo..... 4\$00
Religião e evolução..... 6\$00
As maravilhas da vida..... 14\$00
Faguet—Iniciação filosófica..... 5\$00
Iniciação literária..... 10\$00
Faria de Vasconcelos..... 5\$00
Problemas escolares..... 5\$00
Por terras de além mar..... 5\$00

Ferreira de Castro..... 2\$50
Sangue Negro..... 2\$50
Sedas de Lirismo e de Amor..... 6\$00
A Peregrina do Mundo Novo..... 8\$00
F. Castro e E. Frias—A Boca da Eslinga..... 8\$00
Flamarion..... 5\$00
Iniciação astronómica..... 5\$00
Contos de luar..... 5\$00
Como acabará o mundo?..... 7\$00
Os habitantes dos outros mundos..... 4\$00
Felix de Dantes—As influências ancestrais..... 10\$00

Filho de Almeida..... 10\$00
Lisboa Galante..... 10\$00
Estâncias de Arte e Saúde..... 9\$00
Figuras de destaque..... 9\$00
Actores e Autores..... 9\$00
Contos..... 9\$00
A Esquina..... 9\$00
Aves Migradoras..... 9\$00
Barbear, Pentear..... 9\$00
Cidade do Vício..... 9\$00
Pasquinadas..... 10\$00
Pais das Uvas..... 9\$00
Saibam quantos..... 9\$00
Vida errante..... 9\$00
Vida trágica..... 9\$00
Guerra Junqueira—A morte de D. João Musa em férias..... 9\$00
Os Simples..... 7\$00
A velhice do Padre Eterno (Educação de luxo)..... 14\$00
Brochada..... 10\$00
Gorki—Os Degenerados..... 4\$00
Os Vagabundos..... 4\$00
Na Prisão..... 2\$50
Ibsen—Espectros..... 4\$00
Casa de bonecas..... 5\$00
Jacqueline—História Universal, 2.º volume..... 10\$00

João Cortezão—Adão e Eva (teatro)..... 5\$00
José Bonedy—A ciência redentora (novela)..... 2\$25
Jesus Pelozo—O mestre geral (novela)..... 2\$25

Jorge Teixeira—Catunos de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro)..... 2\$50
Juliano Quintinha..... 8\$00
Visinhos do Mar..... 8\$00
Cavalgada do Sonho..... 8\$00
Terras de Fogo..... 8\$00
Dor vitoriosa (novela)..... 2\$25
Laisant—Iniciação matemática..... 5\$00
Malvert—Ciência e Religião..... 10\$00
Mário Domingues—Hugo, o pintor (novela)..... 2\$25
Anastácio José (idem)..... 2\$25
Manuel Ribeiro..... 2\$25
Poder redentor (novela)..... 2\$25
Mirbeau—O Jardim dos Suplicios..... 4\$00
Nogueira de Brito..... 15\$00
I—Memórias de Angela Pinto Sangue Fidalgo (novela)..... 2\$25
Não, diz a Lei (novela)..... 2\$25
Pargame—Origem da vida..... 8\$00
Oliveira Martins..... 15\$00
Helenismo e a Civilização Cristã..... 15\$00
História da Civilização ibérica..... 15\$00
História da República Romana (2 volumes)..... 30\$00
História de Portugal (2 vols.)..... 30\$00
Raças Humanas (2 vols.)..... 30\$00
O Brasil e as Colónias Portuguesas..... 15\$00
Cartas Peninsulares..... 15\$00
Sistema dos mitos e ficções religiosas..... 15\$00
Orlando Marçal..... 6\$00
Águas claras..... 1\$00
Imagens de Sonho..... 1\$00
Raul Brandão..... 10\$00
Os Pescadores..... 10\$00
Os Pobres..... 8\$00
O Teatro..... 8\$00
Spencer—Da Educação (br. 500) enc. Sobral de Camargo—Dois liros (novela)..... 2\$25
Tolstol—A sonata de Kreutzer..... 4\$00
Ana Karenine (3 vols.)..... 15\$00
Toulouse—Como se deve educar o espírito..... 4\$00
Wenceslau de Moraes..... 12\$50
Dai-Nippon..... 10\$00
Victor Hugo..... 15\$00
França e Belgica..... 10\$00
O Reno (2 vols.)..... 15\$00
Os Miseráveis (2 grossos vols.) ilustrados, encadernados..... 40\$00
Zola..... 12\$00
A Taberna..... 12\$00
Tereza Raquin..... 8\$00
Alegria de viver (2 vols.)..... 8\$00
A conquista de Plassans..... 20\$00
Fecundidade..... 8\$00
A fortuna dos Rougons, (2 vols.)..... 8\$00
Uma página de amor..... 8\$00
Dr. Pascal..... 8\$00

FOLHETOS
Eliseu Reles—Anarquia e a Igreja..... 1\$00
A Evolução legal e a anarquia..... 3\$00
Gonçalves Correia—A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura..... 5\$00
José Frai—A burguesia e o proletariado..... 5\$00
A necessidade da Associação..... 5\$00
Content—Contra o confucionismo..... 5\$00
Alfredo Neves Dias—Razão (poema social)..... 5\$00
Ernesto da Silva—Teatro livre e Arte Social..... 3\$00
Landauer—Social Democracia..... 3\$00
R. Mela—O princípio do fim..... 3\$00
A maçonaria e o proletariado..... 3\$00
J. Most—Peste religiosa..... 5\$00
João P. de Rio..... 5\$00
Definições sociais..... 5\$00
Horas anárquicas (versos)..... 5\$00
Trovas da Noite..... 1\$00
Roberto, o pescador..... 1\$00
Memórias do Parque de São João do Forte..... 1\$00
Carnet de Pensamento..... 2\$00
J. Bakunine—O sentido em que os anarquistas..... 5\$00
Chueca—Como não ser anarquista..... 5\$00
Lazare—A Liberdade..... 5\$00
B. Etivant—A minha defesa..... 5\$00
J. Kropotkin..... 5\$00
Os bastidores da guerra..... 5\$00
Moral anarquista..... 5\$00
O espírito revolucionário..... 5\$00
O estado e o seu papel histórico..... 5\$00
J. Guedes—Lei dos Salários..... 5\$00
Briand—A greve geral..... 5\$00
Roland—Russia Nova..... 5\$00
O sindicalismo e os intelectuais..... 5\$00
D. Carvalho—A gestão sindical no período revolucionário..... 5\$00
A. Hamon—A crise do socialismo..... 5\$00
J. Santos—A transformação da sociedade..... 5\$00
Neno Vasco..... 5\$00
Georgicas..... 3\$00
Greve de inquilinos, teatro..... 1\$00
O Proletariado Histórico..... 1\$00
G. Archinori—A Revolução social e o Sindicalismo..... 5\$00
Carlos Rutes—Aditadura do proletariado..... 1\$00
Emílio Chancelier—Porque não creio em Deus..... 1\$00
Rodolfo Rucker—O sindicalismo revoluc. e a organização operária..... 1\$00

INTERESSES DE CLASSE

Os trabalhadores da A. P. L. querem melhorar as suas condições económicas

Ultimamente, entre o pessoal funcionário e assalariado da Administração do Porto de Lisboa, ou melhor, entre os seus dirigentes, tem-se vindo desenvolvendo um movimento desusado. Fazendo parte, por acaso da luta pela vida, do pessoal assalariado, sou o primeiro a congratular-me com os movimentos que são tendentes a aumentar-lhe o seu bem estar, ou a defendê-lo de qualquer diminuição evidentemente injusta que se lhe pretenda fazer. Mas, quero frisar, não é apenas a minha condição de componente da classe o que me leva a essa congratulação. E' acima de tudo a compenetração anárquica e revolucionária que existe do lado do povo trabalhador o direito a reivindicar, como um bem que lhe foi extorquido, aquelas situações económicas, morais e sociais, tanto individuais como colectivas, a que tem jus.

Porém, entendo que nem todos os meios são bons para atingir determinados fins, isto é, que para reivindicar uma coisa a que temos direito não há que pedi-la esmolando, pois se assim é, demonstrado fica que o direito não existe.

Entendo que todo o trabalhador só pode melhorar a sua situação pela sua acção própria, e isto quanto a mim, quero dizer que não deve imiscuir-se na vida do Estado ou do Capitalismo, ajudando este ou aquele para conseguir algo, mas unicamente, num todo aparte os seus reclamos (já mais peliçosos) ganhando para a vitória da sua causa, o concurso dos seus iguais em direitos e deveres, de modo a tornar o conjunto harmonioso, completo e forte.

Persuadido disto, eu, que entendo que o homem deve proceder na vida de harmonia com a directriz do seu espírito, congratulo-me por todos os movimentos daqueles que trabalham pela vida, a eles estou pronto a dar o meu magro esforço, mas apenas quando esse movimento gravita dentro da classe, como classe, sem a menor imiscuição do Estado e seus partidários, ou com o Capitalismo e seus acólitos.

Falando assim parece-me que sou claro para todos os meus camaradas da A. P. L., marcando, sem lhes negar a minha ajuda, quando dentro das minhas possibilidades morais, materiais e fisiosoficas, uma posição que já mais abandonarei: a de lutador de dia a dia por uma sociedade igualitária.

Na sessão magna ultimamente realizada no Gil Vicente, foi nomeado, para fazer parte duma comissão que vai avistar-se com o ministro do Comércio, a pesar de não haver comparecido nem prévia-

mente terem pedido para isso o meu consentimento.

A pesar da minha recusa em fazer parte da comissão, porque não é de índole de acção sindicalista que aceite, teimam esses meus camaradas que estão de acordo com essa missão, em me considerarem seu componente.

Eu entendo pelo contrário que a União de todos implica um esforço próprio e independente, que é a prova da nossa força. Não há pois, razão, para conquistarmos direitos, a que temos jus, de erguer hossanas ao Estado, de querer formar um contróle de acordo com os capitalistas sugadores do sangue trabalhador. Tendo declarado bem a tempo a minha incompatibilidade, a que se junta a falta de tempo, julgo-me livre, pois, para manifestar as minhas opiniões discordantes, não quanto aos fins, mas aos meios.

Quero a emancipação económica e a de meus irmãos de trabalho, pelo seu esforço próprio, e por mais nenhum meio, mesmo que por aquele o não consigam.

Há muito que me embalsa o desejo de expor nestas columnas perante os meus companheiros, as minhas opiniões sinceras. Não o fiz, mas faço-o agora, aproveitando este cantinho que *A Batalha* não nega nunca.

Como não quero hoje alongar-me mais, continuarei breve, escrevendo o que penso sobre a minha classe, sua acção, seus objectivos, método que deve usar numa palavra a tática que deve empregar para emancipar-se de tutelas estranhas e nefastas, integrando-se no movimento operário, como classe trabalhadora que é.

Francisco QUINTAL

Auxiliar de escrita

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

CONSELHO TECNICO

— DOS —

TRABALHADORES DO TRAFEGO DO PORTO DE LISBOA

O Conselho Tecnico deste Organismo comunica às Agências de Navegação, Consignatários e Comércio em geral, de que procede às cargas e descargas nos Entrepósitos do Porto de Lisboa, com a máxima rapidez e boa execução, sob condições consentâneas de preço

Escritório: Largo do Marquês do Lavradio 6, 1.º
Tel. 623 Central — PRAÇA DO COMERCIO

NORTE 5521 e 5528
São os telefones dos 60 taxis

CITROËN

(Palhinha amarela)

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

Preparando a paz...

BELOGRADO, 13.—O governo encomendou a uma firma inglesa a construção de 6 destroyers, no valor de 132.000 libras.—(